

Torquato Neto, autor, entre outras coisas, de “Mamãe Coragem” e “Marginália”, considerado por muitos um dos mais importantes letristas do Brasil, dá uma entrevista agressiva, do alto de seus patins, enquanto saboreia refresco de maracujá.

## TORQUATO, DE PATINS.

A música de Jimmy Hendrix, altíssima, enche toda a sala. Um hippie cabeludinho e barbudo, ruivo, está sentado no chão de pernas cruzadas. Olha para a parede, completamente imóvel, e alheio a tudo. Torquato Neto, dono da casa, com furiosa alegria, experimenta um novo par de patins, correndo por toda sala. De vez em quando, dá uma paradinha para tomar um gole de refresco de maracujá, deliciado.

*- Quer um pouco, Não? Ah, eu adoro refresco de maracujá. Eu bebo muito sabe? Mas só depois de uma certa hora. Durante o dia, só tomo refresco de maracujá.*

E continua a fazer perigosas curvas, em cima de seus reluzentes patins.

Ana, mulher de Torquato, está muito ocupada em secar seus papelotes com um secador manual, mas a saúde de seu marido também a preocupa:

*- Torquato, cuidado, não vá ficar resfriado!*

Mas Torquato nem a escuta. Os patins e Jimmy Hendrix o absorvem todinho.

*- Torquato, dia dez de dezembro você vai para a Inglaterra. Que é que você vai fazer lá?*

*- Ele não escuta. – TORQUATOOO! QUE É QUE VOCÊ VAI FAZER NA INGLATERRA!*

Parecendo acordar de um transe, Torquato Neto digna-se a responder, mas lá do outro lado da sala a vitrola continua altíssima:

*- Ah! Desculpe. Estou lhe incomodando? E' que eu gosto tanto de andar de patins sabe? Não? Ah! Que bom. Tem certeza de que não quer um pouquinho de refresco? Que pena! É, tá gostoso!*

Cai numa poltrona e fica pensando bem uns dez minutos. Já parecia ter esquecido do assunto quando resolve responder:

*- Vou à **Inglaterra**, entre outras coisas, para retribuir a visita que a rainha da Inglaterra fez ao meu país, mas, principalmente, para ficar longe desse país que está muito chato. As coisas aqui não estão acontecendo no ritmo que eu preciso. Pois é, e dizer que no festival da Record tem uma musica chamada “eu preciso andar mais lento”. Vê se eu vou nessa!*

E, para confirmar que na vai nessa, Torquato se equilibra de novo em seus patins e dá uma impetuosa corrida em direção à janela, dando a impressão que vai se jogar lá embaixo, na avenida São João.

Entre uma corrida e outra, e muitas dificuldades auditivas, foi possível ficar sabendo que Torquato já estava querendo fazer uma viagem a Europa há mais ou menos um ano.

Agora, surgiu a oportunidade: Hélio Oiticica vai fazer uma exposição em Londres e convidou TORQUATO PARA IR JUNTO. A galeria onde Hélio vai expor é ligada a um grupo de arte de vanguarda chamado “Exploding Galaxie”, uns caras da pesada. “O John Lennon está sempre com eles”, Torquato pretende ficar em contacto com esse grupo mais ou menos uns dois meses, ou mais, se for possível. Ele conseguiu a passagem de ida com o British Council. A de volta é ainda um mistério.

- Lá eu pretendo prestar muita atenção. Quero saber se lá tem mesmo menos **criptonita verde** do que aqui. Vou também porque o que está sendo feito no Brasil eu já conheço bem.

Torquato quer aproveitar para ver o que estão fazendo lá em matéria de música. Ele acha que aqui “não estamos nem na metade do caminho”.

Toda e qualquer arte de vanguarda lhe interessa, atualmente, e sua opinião é que tudo isto está sendo feito muito mais violentamente na Inglaterra e nos Estados Unidos, exceto, talvez a poesia.

- Por isso, vou voltar por Nova Iorque. Não, não tenho vontade de ficar morando lá. Mas, nunca se sabe. Talvez eu mude de idéia.

Agora Torquato parou um pouco de andar de patins, mas continua concentradíssimo no disco de Jimmy Hendrix que já foi repetido bem umas três vezes. Mas, súbito, o “hippie” sai de sua letargia, levanta-se, tira o disco da vitrola, coloca-o em sua capa e vai embora com ele debaixo do braço, sem dizer uma palavra, quebrando o embevecimento do dono da casa.

- É, O DISCO É DELE – COMENTA Torquato meio sem jeito. E se apressa em substituir Jimmy Hendrix por Aretha Franklyn, como se nada tivesse acontecido.

E em matérias de **Letras**, o que é que o Torquato terá feito? Nada.

- Isto não quer dizer que eu na vá fazer mais letra nenhuma, mas, ultimamente eu só tenho vontade de fazer uma espécie de letra de música mais “underground”, sem ser marginal pela metade. Não quero mais fazer nenhum tipo de música popular brasileira. Mas isto é uma tentação muito forte, pode ser que daqui há um mês eu tenha feito. O que eu pretendo fazer pode ser chamado de música impopular brasileira. Um a música - com perdão da palavra – de pesquisa, no meu caso, letras e roteiros para gravações. Agora estou fazendo um disco, junto com Rogério Duprat, Augusto de Campos, Décio Pignatari e Damiano Cozzela.

Em matéria de música popular brasileira, Torquato só gosta e se anima, hoje em dia, com trabalho do grupo baiano e dos Mutantes, porque o resto ele acha “muito devagar”.

- A partir das vaia de Caetano no TUCA, eu particularmente, deixei de me considerar colega de todos aqueles compositores de quem aquele público gosta.

- Mas você, outro dia mesmo, não disse que o Edu e o Chico Buarque eram muito bons?

- Reconheço que o **Edu e o Chico** São dois bons compositores, mas não estou interessado no trabalho deles. O que me interessa é a posição que as pessoas assumem em relação ao futuro e ao presente. E a posição deles me parece reacionária. *Aí, eu sou contra.*

Torquato acha que no festival da Record tem umas músicas engraçadíssimas. Só de lembrar ele já começa a rir:

- A musica de “Marta Saré” é muito bonita e eu já aprendi, mas, quanto à letra, eu tenho uma duvida: quem é “Marta Saré” e por que não deixam a moça ficar na rua?A “Pequenina” de César Roldão, poderia ser assinada pelo Clodovil: é de uma “frescura” incrível. O grupo carioca, em geral, pelo que eu vi, está, cada vez mais de um século e para o que nem o Ruy Guerra fez em matéria de letra nos distantes tempos do “Fino” e da gloria da esquerda festiva .

- E o que você acha de **Sérgio Ricardo** ter- se acompanhado de guitarra elétrico, no festival?

- *Acho que ele está se esforçando* – diz Torquato com um ar bem condescendente.

No festival, Torquato gostou muito do Momento Quatro, do Tomzé e de Rô e Carlinhos:

- *O numero de Rô e Carlinhos foi engraçadíssimo, genial. E’ o maior deboche com esta gente que vai prá festival ouvir um desfile de musiquinhas. Esse negócio de festival ficou irremediavelmente chato e, ou avacalha ou dá um tiro nele.*

Agora Torquato tira s patins e começa a procurar sua mulher:

- *Ana! Ana! Onde está minha cerveja? Já está na hora de eu tomar minha cerveja. Ah! A Ana foi dormir. Você se importa se eu descer um instante pra comprar cerveja? E’ só um minutinho, viu?*

Volta depois de quarenta minutos, todo alegre, carregando várias garrafas de cerveja, não dá explicação nenhuma e pergunta, logo de cara:

- *Você não acha que o **Vandré** ainda vai morrer de audácia?*

- E começa a cantarolar:

– *“Alô, alô, fuzil nunca foi trombone. Vivam s canhões de Navarrone”. Este é refrão de uma música que eu estou pensando em fazer “Prá não dizer que não falei de Canhão”. Gosta? Ana, Ana” acorde que eu estou cm fome. E essa tal de “A Família”, hein? Se o Blota não avisasse que se tratava da tragédia Kennedy ninguém ia perceber.*

Agora, quer ver Torquato animado é falar sobre a capa do disco onde o John Lennon e a Yoko aparecem nus:

- *Acho maravilhoso. Toda esta rebelião jovem do mundo inteiro, antes de ser uma rebelião jovem do mundo inteiro, antes de ser uma rebelião politica, me parece mais uma guerra de libertação sexual.*

***Os jovens*** do mundo inteiro estão querendo tirar a roupa. Bacana.

Para Torquato, toda a autoridade é ridícula porque é moralista. É contra essa moral velha que o poder dos jovens universitários que enfrentam a repressão pertencem à mesma classe dos seus velhos pais burgueses. Então, é lógico que não se trata de uma luta de classe.

*- Uma rebelião estudantil pode mudar o governo, no máximo, mas não muda o regime (o que seria aconselhável). Mas isto quem faz não é a classe média.*

Uma coisa que Torquato não entende é porque tanta gente reclama das roupas anticonvencionais que estão sendo usadas no festival:

*-A geração de hoje age com muito mais liberdade que a do pai e do falecido avô. Então os jovens de hoje têm uma liberdade maior, inclusive no modo de vestir, tanto faz serem artistas que se vestem de maneira anticonvencional, estão apenas, acompanhando seu tempo. Que o Vicente Celestino cantasse de "smoking", eu acho certo. Mas, que uma pessoa de vinte e poucos anos se vista como se tivesse setenta eu acho lamentável. Eu me escandalizo até quando vejo um jovem, na rua, de paletó e gravata.*

De repente, Torquato chega bem perto e diz num sussurro:

*- Olha, estes caras aí vão dar um golpe tremendo e não custa!*

Um disco de Pixinguinha toca alto na vitrola.

**Regina Penteado Duarte**